

**FOUCAULT E O BELO PERIGO: ENTRE A ESCRITA E PALAVRA****FOUCAULT AND THE DANGER BEAUTIFUL: BETWEEN WRITING AND WORD**Cristiano Antonio dos Reis <sup>8</sup>**Recebido:** 17/fev/2020**Aceite:** 02/mar/2020**DOI:** <https://doi.org/10.29327/2.1373.2.1-3>

**RESUMO:** O presente artigo versa sobre a problemática da escrita e do discurso assumidas pelo filósofo francês Michel Foucault. Tal percurso busca dar visibilidade a uma política da escrita e uma ética do discurso assinalando algumas dimensões e implicações desses posicionamentos na historiografia, bem como os seus desdobramentos em lutas e posicionamentos políticos atuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita; Narrativa; Acontecimento; Historiografia.

**ABSTRACT:** This article deals with the problems of writing and discourse assumed by the French philosopher Michel Foucault. This path seeks to give visibility to a writing policy and an ethics of discourse, pointing out some dimensions and implications of these positions in historiography as well as their consequences in current political struggles and positions.

**KEYWORDS:** Writing; Narrative; Event; Historiography

**INTRODUÇÃO**

O presente trabalho busca estabelecer uma discussão interdisciplinar sobre a problemática da escrita, fala e discurso a partir de alguns posicionamentos intelectuais assumidos pelo filósofo francês Michel Foucault e de como isso repercute tanto na forma

---

<sup>8</sup> Doutor em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professor de História na Escola Estadual Dr. Estevão Alves Corrêa (Seduc-MT). E-mail de contato: [crystantoni@gmail.com](mailto:crystantoni@gmail.com) ORCID <https://orcid.org/0000-0002-3891-6933>



como os historiadores concebem a história e de suas relações com a ideia de acontecimento, como também nos engajamentos e atos de fala e posições políticas.

Entre o risco da grafia no papel branco e o risco da palavra articulada em discurso, temos toda uma trajetória foucaultiana marcada por constantes deslocamentos e discontinuidades, bem como a sua capacidade de dialogar com a arte, com a literatura, com a ciência e com as modalidades de saber tidas com subalternas.

Nesse intermeio entre escrever e falar o filósofo estabelece duas ideias importantes e complementares, a primeira em relação a escrita que a considera como “um belo perigo” (FOUCAULT, 2016), ou seja, é arriscado escrever, a segunda ideia importante é que a fala franca remete a um estudo sobre a antiguidade grega sobre a noção de *parresia* (coragem da verdade), igualmente arriscada. (FOUCAULT, 2010).

O que veremos no decorrer das seções é como essas duas ideias por um lado remetem a uma política da escrita, por outro uma ética da palavra falada, que de certa maneira, encontra ressonâncias interessantes na literatura e na historiografia (KAFKA, 2011) e (CERTEAU, 2002) respectivamente e criando novas possibilidades de se pensar a narrativa e o acontecimento.

## 1 RESSONÂNCIAS KAFKIANAS E NARRATIVA HISTÓRICA

Gostaria de iniciar com uma imagem literária fornecida por Kafka no seu conto intitulado “Um Artista da Fome” onde relata como que o grande espetáculo do artista da fome entra em decadência e como que todo o brilho e esplendor de uma atividade humana simplesmente perde importância em uma sociedade. Em suas palavras percebe-se que:

[...] Nas últimas décadas o interesse pelos artistas da fome diminuiu bastante. Se antes compensava promover, por conta própria, grandes apresentações desse gênero, hoje isso é completamente impossível. Os tempos eram outros. Antigamente toda a cidade se ocupava com os artistas da fome; a participação aumentava a cada dia de jejum; todo mundo queria ver o jejuador no mínimo uma vez por dia; nos últimos, havia espectadores que ficavam sentados dias inteiros diante da pequena jaula [...] (KAFKA, 2011, p. 47- 48).



O conto ainda é mais contundente em relação a essa mudança social em que a referida prática do jejuador começa a entrar em descrédito ao ponto do seu empresário buscar olhos e ouvidos cada vez mais curiosos e interessados por essa arte em diferentes pontos da Europa. Assim o artista da fome sente que sua arte se torna cada vez mais desprestigiada era “[...] como se fosse por um acordo secreto, em toda parte havia se estabelecido uma repulsa contra o espetáculo da fome [...]” (KAFKA, 2011, p.53).

Creio que esse conto de Kafka nos redireciona a problemática de uma política da escrita (RANCIERE, 2017) onde uma questão fundamental que emerge é a seguinte: o que leva escritores e historiadores e outros intelectuais<sup>9</sup> a se debruçarem com tanta paixão, comprometimento e intensidade na atividade da escrita? Diante dessa questão Rancière (2017, p. 07) nos dá um caminho plausível, pois a escrita:

[...] antes de ser o exercício de uma competência, o ato de escrever é uma maneira de ocupar o sensível e dar sentido a essa ocupação. Não é por ser o instrumento do poder, nem por ser a via real do saber que a escrita é coisa política. Ela é coisa política porque seu gesto pertence à constituição estética da comunidade [...]

Essa constituição estética da sociedade ou da partilha do sensível à maneira de Rancière nos coloca uma dimensão visceral de uma escrita compromissada com o mundo da qual fazemos parte e das relações que mantemos com ele. Assim creio que o mundo tanto para a escrita literária como para a escrita historiográfica aparece como um:

[...] conjunto de sintomas cuja doença se confunde com o homem. A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde: não que o escritor tenha uma saúde de ferro... Mas ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossível. Do que viu e ouviu, o escritor regressa com olhos vermelhos, com tímpanos perfurados. Qual saúde bastaria para libertar a vida em toda a parte onde ela esteja aprisionada pelo homem e no

---

<sup>9</sup> O presente trabalho versa somente a questão da problemática da literatura e da história a partir dos posicionamentos de Foucault a esse respeito, embora considere importantes as dimensões da escrita em outros campos de conhecimento.



homem...? A saúde como literatura, como escrita, consiste em inventar um povo. Não se escreve com suas próprias lembranças, a menos que delas se faça a origem ou a destinação coletiva de um povo por vir ainda enterrado em suas traições e reneгаções [...] (DELEUZE, 1993, p. 14).

O que o filósofo Gilles Deleuze nos diz sobre a escrita e sua relação com vida que encontra aprisionada no homem e pelo homem vêm à tona por meio do escritor ao compreender os sintomas desse mundo e transpassar para a literatura as coisas grandes, intensas, irrespiráveis demais produzindo uma escrita visceral sobre a realidade.

Retomando o exemplo do conto “Um artista da fome” de Kafka apresentado no início dessa seção visualizamos um mundo em que o personagem está preso numa sociedade de espetáculo onde o seu talento de jejuador esbarra numa ausência total de sentido e cai na indiferença cotidiana das pessoas.

Essa imagem literária trazida por Kafka curiosamente aponta para um sintoma de nossa atualidade, pois, quanta indiferença? Quanta invisibilidade? Quanta negligência em relação as vidas humanas que na opacidade de suas existências miseráveis são simplesmente invisíveis aos nossos olhos e as nossas sensibilidades. Afinal, num mundo onde tudo ou quase tudo se tornou mercadoria, o que são daquelas existências que a única coisa que eles têm a vender não têm valor no mercado cotidiano.

A história e a literatura ao dar visibilidade a essas existências miseráveis, ao sofrimento humano e as dores humanas pode proporcionar ao leitor uma espécie “de cair em si”, de se afetar, de se transformar por meio dessas leituras e produzir uma narrativa que gere empatia, “[...] que procura religar os mortos aos vivos, o sujeito a seus semelhantes, indicando os lugares de sua irredutível separação, lá onde interrompem a história para construir outra [...]” (FARGE, 2015, p. 12).

Além da dimensão afetiva e visceral da escrita com o mundo, gostaria de salientar que o referido conto kafkiano apresentado nesse trabalho ressoa ao projeto genealógico de poder traçado por Foucault bem como de seu compromisso com uma narrativa



histórica que assinala para as discontinuidades, rupturas e emergência de novas formas de assujeitamento e por fim conclamar novas formas de luta<sup>10</sup>.

Numa analogia ao artista da fome de Kafka podemos apresentar um outro registro histórico, mesmo que de maneira bem sintética, sobre o declínio dos espetáculos das feiras medievais<sup>11</sup> que começam a perder força com o advento do paradigma científico de curiosidade e normalização do olhar. Assim figuras “disformes de humanidade”, “prodígios da natureza” e de toda uma taxonomia da “monstruosidade” que se prestava ao grande público das feiras até o século XVIII passa no transcorrer do século XIX ao silêncio do discurso científico, principalmente o da medicina. Assim:

[...] o transeunte que se aventurava em meios aos labirintos de Saint-Laurent em agosto de 1752 podia ali contemplar um espetáculo insólito. Numa cabana, entre duas barracas de mercado de tecidos, um tronco humano, sem braços nem pernas, mas ao qual eram fixados dois pés e duas mãos, ocupava-se em estranhos exercícios. Ele carregava uma baioneta, a cabeça coberta por um turbante. Uma multidão de curiosos afluía todo o dia para descobrir o Petit Pépin, que conheceu a glória efêmera dos fenômenos de feira em Paris, na segunda metade do século XVIII ... Este monstro à moda turca morreu em Paris em 1801, aos sessenta e dois anos de idade. Ele foi imediatamente autopsiado, e seu esqueleto veio a tomar naturalmente acento nas coleções do Museu Dupuytren, onde permaneceu [...] (COURTINE, 2013, p. 81).

O debate que se iniciou com o conto de Kafka, nos ajuda também a perceber a dinâmica do acontecimento<sup>12</sup>, como que os valores sociais são históricos e que mudam com o transcorrer do tempo e assinalam todo um processo de assujeitamento e marginalização de um grupo social ou de uma pessoa específica que pode figurar nas páginas de uma obra historiográfica ou literária.

Em que pese as particularidades da ficção e da história, ambos lidam com o aspecto movente de nossa existência e mesmo sabendo que os historiadores não escrevem ficções, assumimos o posicionamento do historiador Michel de Certeau (2002)

<sup>10</sup> Essas dimensões do pensamento foucaultiano serão retomadas nas seções seguintes.

<sup>11</sup> Sobre os espetáculos de feira e a cultura cômica na Idade Média e no Renascimento ver BAKHTIN, 2010

<sup>12</sup> Essa discussão sobre as diferentes concepções de acontecimentos será brevemente discutida nas seções seguintes. Na historiografia cf. DOSSE, 2013



no qual o historiador escreve “ficções reais”, ou seja, a ideia de que toda a nossa inferência sobre os acontecimentos do passado são mediados por fontes documentais e que por fim são tramados e “imaginados” pelo historiador a partir de problemas que colocam no tempo presente.

[...] Nesse sentido os fatos não existem isoladamente, no sentido de que o tecido da história é o que chamamos de trama, de uma mistura muito humana [...] de causas materiais, de fins e de acasos; de uma fatia que da vida o historiador isolou segundo a sua conveniência. (...) (VEYNE, 1998, p. 42).

Essa maneira de olhar e pensar a prática historiográfica afetada pela dimensão literária ajuda a pensar numa forma de escrita cuja inteligibilidade do acontecimento é dada pela materialização de um discurso narrativo. Assim:

[...] A narrativa passa a ser o lugar de conceitos que se ligam internamente a práticas concretas. Quer dizer, a pergunta pela prática faz da narrativa o lugar apropriado para a elaboração e apresentação de conceitos que, por assim dizer, refletem a perda da ilusão naturalista na história [...] (CARDOSO JÚNIOR, 2003, p. 15).

Nesse sentido a problematização da narrativa historiográfica em consonância com a literatura, e no nosso exemplo a partir de Kafka, nos possibilita a questionar a ilusão naturalista da história e instaurar a irrupção dos acontecimentos em sua singularidade. Dessa maneira no exemplo citado extraída desse conto de Kafka, a prática do jejum promovido pelo artista da fome que aparentemente constituía uma prática imutável, no entanto, olhando mais atentamente percebe-se uma transformação de valores sociais que antes eram reconhecidos positivamente e agora se tornaram indiferentes.

Assim o que vemos é que regimes de enunciados eram outros e que a prática desenvolvida pelo artista da fome iria atingir um limiar onde ela não seria mais sustentável, nem institucionalmente como espetáculo e nem moralmente, como conduta. Essa mesma situação valeria para o caso do “Pequeno Pépin” trazido pelo pesquisador Jean Jacques Courtine marcando:



[...] um nascimento provavelmente situado sob o signo do prodígio ou do pecado, uma infância propagandeada em feiras e mercados, uma idade adulta passada a divertir os transeuntes nas praças públicas, uma morte imediatamente confiscada pela medicina. A religião, depois a feira, enfim a ciência. [...] (COURTINE, 2013, p.81- 82).

Esse itinerário introdutório apresentando a relação entre a escrita historiográfica e literária e tomando como exemplo o conto de Kafka ela não é unívoca e abre a potencialidade de se trabalhar com outros escritores e outras formas de pensamento literário que para além da historicidade de sua produção carregam conceitos e modos de organização social, cultural, político etc. e abre para novas possibilidades de narrativa histórica.

## 2 O BELO PERIGO: DIMENSÕES DA ESCRITA COM A MORTE

Em 2016 chega ao Brasil a publicação do livro “O Belo Perigo” que se trata de uma entrevista de Foucault concedida a Claude Bonnefoy (um conhecido crítico literário francês) onde o tema central é exatamente a prática da escrita, ou melhor, sobre como Foucault concebia a atividade de escrever.

Vale ressaltar que a atmosfera cultural e o contexto político e social em que Foucault concede tal entrevista são afetadas pelos acontecimentos de maio de 1968, período de grande efervescência política, cultural e intelectual marcada por momentos de insurreições estudantis contra o *status quo* acadêmico, institucional e político.

Tais insurreições incitavam atos de contestação e ação política, de intervenções intelectuais, onde o discurso entrava no campo das resistências, não algo mais que traduz as lutas, mas o próprio objeto pela qual se luta (FOUCAULT, 2003), principalmente aqueles personagens sociais, que tiveram suas existências controladas pelos discursos dos outros ou silenciados nas narrativas tradicionais da história e da literatura.<sup>13</sup>

<sup>13</sup> Nesse caso o exemplo atual da sociedade brasileira é bem significativo, onde personagens negros, LGBTQis, mulheres assumem papéis de protagonistas em obras literárias e há toda uma historiografia reescrevendo a história das pessoas que antes não lhe davam vozes.



Nessas circunstâncias Foucault apresentava a sua relação com a escrita, talvez para pensar um pouco nessa impossibilidade de falar pelos outros, pois, “[...] ali onde não é mais possível falar, descobre-se o encanto secreto, difícil, um pouco perigoso de escrever [...]”. (FOUCAULT, 2016, p. 39)

Nesse sentido, a ideia de “Belo Perigo” é pertinente a nós historiadores e demais intelectuais em que a preocupação com a escrita e com a narrativa seja o foco de nossa atividade acadêmica, mesmo que mediadas por atividades técnicas distintas (CERTEAU, 2002) cabe “[...] uma detida reflexão sobre a arte da escrita, sobre suas potencialidades, sem dúvida, mas também muitas armadilhas e restrições[...]” (CARVALHO, 2016, p.11).

De maneira geral o filósofo apontava o ato de escrever como um belo perigo isso significava que tal atividade comportava risco, perigo e somente a coragem de se arriscar na ordem do discurso é que as demandas políticas, sociais, culturais etc. ganhavam significado em suas pesquisas e intervenções intelectuais, ainda mais quando essas pesquisas abordavam temas sensíveis acerca do sofrimento humano como: o corpo do doente, do louco, do prisioneiro e da sexualidade para ficarmos com alguns exemplos de suas histórias. Isso significa que escrever situa-se no limite do afetivo e do perceptivo:

[...] para mim, escrever é uma atividade extremamente suave, discreta. Tenho como uma impressão de veludo quando escrevo. Para mim, a ideia de uma escrita aveludada é como que um tema familiar, no limite do afetivo e do perceptivo, que não para de assombrar meu projeto de escrever, de guiar minha escrita quando estou escrevendo, que me permite, a cada instante, escolher as expressões que quero utilizar [...] (FOUCAULT, 2016, p.42).

A importância dessa entrevista remete de fato a essa armadilha de lidar com uma arte de escrita e do risco que se corre ao problematizar o sofrimento alheio e é talvez por isso que a escrita e o gesto de escrever para Foucault mantenha uma curiosa relação com a morte: “para mim, no fundo, o lugar de possibilidade da escrita é esse ponto onde a vida dos outros descambou para a morte” (FOUCAULT, 2016, p. 47).

Entre armadilhas e restrições, entre a discricção e a suavidade na escrita, Foucault remontando uma filiação que vem de Blanchot (2011) mantém com a escrita essa relação



com a morte, mesma posição assumida pelo historiador Michel de Certeau quando em seu artigo “A Operação Historiográfica” dizia: “[...] eu me interrogo sobre a enigmática relação que mantenho com a sociedade presente e com a morte, através da mediação de atividades técnicas [...]” (CERTEAU, 2002, p. 65).

Jogando um pouco com as palavras, diria que “A Operação Historiográfica” proposta por Certeau (2002) já pressupõe a utilização de domínios técnicos, de procedimentos metodológicos que exigem rigor e minúcia, uma operação que exige um corte e incisões sobre o corpo do outro, tal qual um clínico e seu bisturi como na imagem apresentada por Foucault a seguir:

[...] Imagino que haja em minha caneta uma velha herança do bisturi. Talvez, no fim das contas: será que não traço na brancura do papel aqueles mesmo signos agressivos que meu pai traçava no corpo dos outros quando operava? Transformei o bisturi em caneta. Passei da eficácia da cura à ineficácia do livre enunciado; substituí a cicatriz sobre o corpo pelo grafite sobre o papel; substituí o inapagável da cicatriz pelo signo perfeitamente apagável e rasurável da escrita. Talvez deva mesmo ir mais longe: a folha de papel talvez seja, para mim, o corpo dos outros. [...] (FOUCAULT, 2016, p. 43 - 44).

Não há como negar nesse caso uma aproximação entre Certeau e Foucault na forma como concebem a sua relação com a escrita que se materializa num discurso em prosa sobre o corpo do outro. Nesse mesmo sentido, em uma outra passagem da entrevista Foucault reforça esse posicionamento se colocando na posição de anatomista no momento em que realiza uma autópsia:

[...] Falando deles, estou na situação do anatomista que faz uma autópsia. Com minha escrita, percorro o corpo dos outros, faço incisões nele, levanto os tegumentos e as peles, tento descobrir os órgãos e, trazendo-os à luz, fazer enfim aparecer esse foco de lesão, esse foco de doença, esse algo que caracterizou sua vida, seu pensamento e que, em negatividade, finalmente organizou tudo aquilo que eles foram. Esse coração venenoso das coisas e dos homens, eis, no fundo, o que sempre tentei trazer à luz [...] (FOUCAULT, 2016, p.44 - 45).

O que temos assim é uma operação que instaura uma escrita que dá visibilidade aos corpos do passado, que em meio a tantas desordens, estabelece a incisão de um



corte e que cria um espaço de inteligibilidade num movimento de articulação entre o documento e procedimentos de crítica, ou seja, ela produz destruindo tal como um anatomista realiza uma autópsia e por meio de um diagnóstico chegar-se a uma verdade:

[...] Quero fazer um diagnóstico, e meu trabalho consiste em trazer à luz através da própria incisão da escrita algo que seja a verdade daquilo que está morto. Nessa medida, o eixo de minha escrita não se estende da morte à vida, ele está antes no eixo que se estende da morte à verdade e da verdade à morte [...] (FOUCAULT, 2016, p.48 - 49).

Além dessa relação com a morte, há uma outra consideração sobre a escrita que considero importante nessa entrevista concedida por Foucault à Claude Bonnefoy que é exatamente a possibilidade de se transfigurar, de se transformar pela própria escrita, enfim não ter mais um rosto. Dessa maneira:

[...] Escreve-se também para não ter mais rosto, para fugir de si sob sua própria escrita...escrever, no fundo, é tentar fazer fluir, pelos canais misteriosos da pena e da escrita, toda a substância, não apenas da existência, mas do corpo, nesses traços minúsculos que depositamos sobre o papel [...] (FOUCAULT, p, 2016, p. 66).

Diante dessa situação muitas vezes criticaram Foucault por uma certa falta de posicionamento em relação ao seu discurso. Afinal, ele falava como filósofo ou como historiador? E em torno disso, o que autorizava dizer aquilo que ele estava dizendo? Bem característico dessa situação o historiador Michel de Certeau lembra que:

[...] Em Belo Horizonte, no decorrer de uma estada no Brasil, Michel Foucault, foi questionado, uma vez mais, a respeito de seu lugar: 'Mas, finalmente, qual é a sua qualificação para falar? Qual é a sua especialidade? Em que lugar o Senhor se encontra? Ele se sentia tão atingido por essa petição de identidade, que procurava apreender seu segredo enquanto passador [...] (CERTEAU, 2011, p. 117).

Tal situação levava a Foucault a utilizar respostas às vezes irônicas, às vezes sagazes, em relação a essa preocupação de lhe estabelecer um lugar fixo. Como a



famosa resposta dada na introdução da “Arqueologia do Saber” muito próxima do comentário apresentado anteriormente na entrevista a Claude Bonnefoy:

[...] Você não está seguro do que diz? Vai novamente mudar, deslocar-se em relação às questões que lhe são colocadas, dizer que as objeções não apontam realmente para o lugar em que você se pronuncia? Você se prepara para dizer, ainda uma vez, que você nunca foi aquilo que você se critica? Você já arranja a saída que lhe permitirá, em seu próximo livro, ressurgir em outro lugar e zombar como o faz agora: não, não, eu não estou onde você me espreita, mas aqui de onde o observo rindo.

- Como?! Você pensa que eu teria tanta dificuldade e tanto prazer em escrever, que eu me teria obstinado nisso, cabeça baixa, se não preparasse - com as mãos um pouco febris - o labirinto onde me aventurar, deslocar meu propósito, abrir-lhe subterrâneos, enterrá-lo longe dele mesmo, encontrar-lhe desvios que resumem e deformam seu percurso, onde me perder e aparecer, finalmente, diante de olhos que eu não terei mais que encontrar? Vários, como eu sem dúvida, escrevem para não ter mais um rosto. Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever [...] (FOUCAULT, 2005, p.19-20).

A escrita em sua relação visceral com a morte, com o mundo, com a verdade e com a transfiguração de si nos ajuda a entender um pouco a trajetória nômade de Foucault em relação a variedade de temas, de problemas, de conceitos por ele formulados e como isso se articulava as demandas moventes postas pela sociedade.

Para ficarmos nos desdobramento do belo perigo na escrita da história podemos dizer que ela se situa entre a sedução e o perigo, tal como o encanto da medusa, que petrificava quem olhasse de perto, nesse sentido a proposta que se enseja, exige um certo distanciamento, uma certa retidão, um certo afastamento para criar condições de novas pesquisas historiográficas e não petrificar em verdades estabelecidas.

A escrita como belo perigo, incita-nos a encarar a beleza do documento, sem nos deixarmos petrifica-lo diante dele, que nossa relação com o passado por meio das fontes documentais se mantenham como Foucault definia a sua escrita: como projeto de presbita, ou seja, daquele que tem que se afastar daquilo que está demasiado perto para enxergarmos melhor, exigindo um certo distanciamento:



[...] Meu projeto de discurso é um projeto de presbita. Gostaria de fazer aparecer o que está próximo de mais de nosso olhar para que possamos ver, o que está aí bem perto de nós, mas que nosso olhar atravessa para ver outra coisa. Devolver densidade a essa atmosfera que, à nossa volta, por toda parte, garante que vejamos as coisas longe de nós, devolver sua densidade e sua espessura àquilo que costumamos experimentar como transparência, está aí um dos projetos, dos temas que me são absolutamente constantes. Igualmente, chegar a circunscrever, a desenhar, a designar essa espécie de ponto cego a partir do qual falamos e vemos, a reconhecer àquilo que possibilita que tenhamos um olhar distanciado, a definir a proximidade que, à nossa volta, por toda parte, orienta o campo geral do nosso olhar e de nosso saber. Aprender essa invisibilidade, esse invisível do visível demais, esse afastamento daquilo que está próximo demais, essa familiaridade desconhecida, é para mim a operação importante de minha linguagem e de meu discurso [...] (FOUCAULT, 2016, p. 69-70).

O que interessa nesse aspecto do pensamento de Foucault é a sua pesquisa preocupada com a atualidade, com problemas que o afetam no tempo presente, que nos lança a modificar-nos pelos próprios escritos, de politizar a existência das vidas extraviadas à maneira de Melville (2008). Vidas estas que se dispersão nos atos de rebeldia nas prisões, nos movimentos de ocupação pelos estudantes, pelos movimentos de novas relações afetivas, enfim contra todas as formas de assujeitamentos da condição humana às condições intoleráveis de existência.

### **3 FOUCAULT: HISTÓRIA, ACONTECIMENTO E PARRESIA**

Na seção anterior apresentamos algumas dimensões da escrita assumidas por Foucault, agora gostaria de me deter um pouco sobre a sua relação com a história, sua problematização do discurso e dos atos de fala que se desdobravam em ações de contestações políticas.

Dito isso, o mesmo nomadismo que se tomava na escrita para não ter mais um rosto podemos perceber em suas pesquisas históricas abrangendo diferentes projetos em sua trajetória intelectual e abarcando desde o empreendimento de uma arqueologia do



saber, de uma genealogia do poder até o de uma genealogia da ética, enfim, um passador para ficar numa expressão de Certeau

[...] Desde de Poitiers, cidade em que nasceu (1926), até o Hospital de la Sapêtrite onde, finalmente, veio a falecer (25 de Junho de 1984), seus percursos percorreram sinuosamente vários saberes e países. Ele visitava os livros do mesmo modo que circulava, de bicicleta, nas ruas de Paris, San Francisco ou Tóquio, com uma atenção irretocável e vigilante, suscetível de apreender, no virar de uma página ou de uma esquina, o brilho do estranhamento que se escondia aí, despercebido [...] (CERTEAU, 2011, p.118).

Curiosamente, essa ideia de passador, de caminhante, de transeunte ela se apresentava a Foucault como que uma condição do pensamento que em certo sentido mostrava que a prática intelectual (seja de historiador ou de filósofo) operava para ele por deslocamentos que permitiam surpresas e descobertas inusitadas, afinal como ele próprio Foucault dizia no volume dois da sua História da Sexualidade: “[...] existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir [...]” (FOUCAULT, 2001, p.13).

E nesse sentido a pesquisa adquire uma característica de surpresa e desvelamento a partir exatamente da necessidade de se transformar, dar uma nova guinada no pensamento, de andar por zonas ainda pouco exploradas nos estudos acadêmicos ou ainda trilhar novas veredas de temas tidos como verdades absolutas. Assim:

[...] A surpresa que questiona nosso a priori exprime-se, na ‘narrativa’, pelo esforço no sentido de localizar as falhas a partir dos sistemas que se precipitam aí ou se inauguram nessas fronteiras. A datação de Foucault não é, de modo algum, original: passagem do século XVI para o século XVII, final do século XVIII, meados do século XIX. No entanto, ela tem um caráter próprio devido á exigência que a surpresa desconcerta. A um pensamento preocupado em identificar uma coerência, a falha apresenta-se como um acontecimento, embora, seja um ‘acontecimento de baixo’: mais fundamental que a continuidade constatável no ‘movimento de superfície’, ocorre uma ‘brusca’ modificação Foucault insiste sobre essa subtaneidade) que pode ser uma ‘defasagem mínima, mas absolutamente essencial’ e ‘faz oscilar o pensamento ocidental por inteiro’. Assim, ‘às vezes, em alguns anos, uma cultura cessa de pensar como ela havia feito



até então, começando a pensar outra coisa de maneira diferente. Algo de fundamental produz-se de que existem, identificáveis, sinais precursores ou consequências, mas que permanece, finalmente inexplicável, 'uma erosão vinda de fora'. Uma alteração marca o fim de um 'sistema de simultaneidade' e o começo de outro. As mesmas palavras e ideias são, às vezes, reutilizadas, mas deixam de ter o mesmo sentido, de serem pensadas e organizadas da mesma maneira. Esse é um 'fato' que esbarra o projeto de uma interpretação englobante e unitária [...] (CERTEAU, 2011, p. 140).

Ainda sobre a relação de Foucault com a história, um outro historiador, Paul Veyne estabelece o fato de que o filósofo não abandona a história dita tradicional, nem como recortes temporais como havia mostrado Certeau, tampouco em relação as temáticas que abarcam a economia, a sociedade e cultura, mas a organiza de uma maneira totalmente inovadora:

[...] A história-genealogia à Foucault preenche, pois, completamente o programa da história tradicional; não deixa de lado a sociedade, a economia, etc., mas estrutura essa matéria de outra maneira: não os séculos, os povos nem as civilizações, mas as práticas; as tramas que ela narra são a história das práticas em que os homens enxergaram verdades e das suas lutas em torno dessas verdades [...] (VEYNE, 1998, p. 280).

Curiosamente, os escritos de Foucault, mantém uma relação íntima com o pensamento historiográfico, tanto nos livros como em suas aulas no Collège de France, o que ao nosso ver caracteriza um posicionamento estratégico de intelectual engajado com as questões postas pelo tempo presente a partir das condições históricas que nos constituíram.

Pensar com o filósofo Michel Foucault e a sua relação com escrita, incita-nos a uma preocupação com a análise crítica dos discursos e das fontes documentais que materializam as experiências humanas do passado e conduza a uma ação no tempo presente, pois, a constituição histórica do que fomos nos orienta para o diagnóstico daquilo em que estamos nos tornando.

Diante dessa atualidade Foucault buscava perceber historicamente como cada sociedade colocou problemas práticos em relação ao corpo e as formas de discipliná-lo? Como as



prisões se tornaram um meio mais óbvio de punição? Como e a partir de que momento se desenvolve o conceito de sexualidade? Como a cultura ocidental problematizou a sua relação governamental de si e dos outros? Que formas de conduta ética desenvolvemos? Enfim, toda uma série de problemas afetadas por questões postas na atualidade.

E aí não há como negar o incômodo que ele causou no meio intelectual como um todo, inclusive no campo historiográfico, pois seu pensamento se modifica com a emergência de problemas novos, opera por deslocamento, ruptura, descontinuidade, por erosão do saber, pela questão da crítica à naturalidade dos objetos, enfim trata-se um pensamento nômade. E nesse sentido situação incomoda, pois, assinala uma outra possibilidade de pensamento e desaloja tradicionais privilégios acadêmicos assentadas em verdades já constituídas.

Tal preocupação com o discurso sempre comportou riscos, ainda mais, por se insinuar contra as verdades estabelecidas, questionando não somente as formas convencionais de se fazer história, mas também de pensar a materialização das lutas cotidianas pela tomada da palavra, pela coragem em se expor publicamente, seja intervenções físicas em palestras, cursos, aulas, seja em pesquisas sobre uma problemática pontual e urgente: criminalidade, sexualidade, loucura entre tantas formas de assujeitamentos humanos e que por muito tempo não fazia parte do discurso dos historiadores.

Em sua relação com o passado em sua proposta de uma arqueologia do saber, de uma genealogia do poder e da ética a sua escrita nos possibilita pensar na história uma nova dinâmica do acontecimento percebida como descontinuidade, como irrupção, como novidade anunciando a diferença onde havia repetição, daí o caráter de surpresa e de desvelamento em seus escritos.

Vale ressaltar que a noção de acontecimento que é um dos conceitos capitais para os historiadores (DOSSE, 2013) ela não é unívoca e consensual, criticada duramente na historiografia positivista do século XIX, ela foi retomada em diferentes posicionamentos filosóficos e historiográficos.



De maneira bem resumida temos a noção de acontecimento, ou de uma história “acontecimental”, por assim dizer, baseadas nas reflexões historiográficas de Ranke, Langois e Seignobos (positivistas e da escola metódica francesa) cujas preocupações baseava-se numa procura de documentos tidos como mais verdadeiros, como únicas fontes capazes de garantir a fiabilidade da escrita da história num discurso científico.

Tal paradigma de cientificidade historiográfica marcada firmemente pela filosofia da história, seja pela via das pesquisas de Hegel, Marx e Comte trazia para o campo historiográfico implicações que os levaram a eleger os registros de ações “políticos e eclesiásticos”, como fontes em que a verdade historiográfica seria dada, cabendo ao historiador apenas descrevê-la.

Nessa concepção de História, a história política e religiosa já estava dada nos documentos levando os historiadores a conceber uma noção de acontecimento linear, contínuo e já dado em função de uma confirmação teleológica em busca do progresso ou da redenção de uma sociedade sem classes, respectivamente presas as doutrinas positivistas ou do marxismo ortodoxo.

Essas premissas das filosofias da história é que foram perdendo força com as novas tendências historiográficas do início do século XX, principalmente com a chamada Escola dos Annales, fundada por Marc Boch e Lucien Febvre em 1929, que ao lançar o programa de uma “história problema” conseguiu a adesão de vários pesquisadores, entre eles, o próprio Michel Foucault.

Agora o acontecimento, passa a ser encarada na escrita foucaultiana da história como ruptura, emergência, singularização de uma prática, densidade material dos enunciados que anunciam novos problemas ou que retomam diferentemente antigos problemas circunscritos a novas práticas. Comentando essa característica da narrativa de Foucault, o historiador Michel de Certeau apresenta o seguinte posicionamento:

[...] Suas narrativas, como ele afirmava, relatam a maneira como aparecem e se instituem novas problemáticas; muitas vezes, elas têm a forma de surpresas, à semelhança dos romances policiais. Assim, a progressiva liberalização e diversificação do direito penal, no decorrer do século XVIII, é interrompida, invertida e ‘canibalizada’ pela proliferação de procedimentos



pedagógicos e militares e de vigilância que, por toda parte, impõe o sistema panóptico [...] (CERTEAU, 2011, p. 120).

Nessa forma de encarar o acontecimento no discurso historiográfico comporta também o risco de propor temporalidade heteróclitas, novos cortes temporais, novas problemáticas, novas formas de escrita historiográfica mais atenta ao corpo, as sensibilidades, aos afetos na constituição de novas formas de subjetividade, enfim, novas formas de governo de si e dos outros (FOUCAULT, 2010) já que com Foucault escancarasse a noção de documento e permite um campo de problematização maior.

O risco, envolve também uma ética de intelectual, que exerce a parresia, a coragem da verdade materializada numa fala franca e compromissada com o mundo, sem se lançar em premissas hegemônicas de salvação universal.

[...] A parresía, isto é, a liberdade para os cidadãos de tomar a palavra, e tomar a palavra, claro, no campo da política tanto do ponto de vista abstrato (a atividade política) como de forma bem concreta: o direito na assembleia reunida, inclusive para quem não exerce um cargo específico, inclusive para quem não é magistrado, de se levantar, falar, dizer a verdade, ou pretender dizer a verdade e afirmar que a diz. É isso a parresía: uma estrutura política. [...] A parresía é, portanto, em duas palavras, a coragem da verdade naquele que fala e assumi o risco do dizer, a despeito de tudo, toda verdade que pensa, mas é também a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que ouve [...] (FOUCAULT, 2010, p. 69).

O parresiasta é, portanto, aquele que toma a palavra e se coloca em risco ao pronunciar a verdade, de se colocar face a face, de estar disposto a enfrentar o risco de ferir o outro, de tirar o interlocutor de uma posição confortável e lançar a outras possibilidades de pensamento e engajamentos políticos.

[...] A coragem de se transformar lentamente, de fazer manter um estilo em uma existência movente, de durar e de persistir; a coragem, mais pontual e mais intensa, da provocação, a de fazer aflorar por sua ação verdades que todo mundo conhece, mas que ninguém diz, ou que todo mundo repete, mas que ninguém se dá ao trabalho de fazer viver, a coragem da ruptura, da recusa, da denúncia [...] (GROS, Frédéric, 2004, p. 166).



Curiosamente essa parresia situa-se numa face a face materializado numa fala franca e compromissada e que comporta risco entre aquele que fala e aquele que ouve. Diante disso, a parresia envolve um ato ético e político de expressão e engajamento da qual Foucault não estava apartado, o que lhe permitia fazer pesquisas com densidade histórica de problemas atuais: seja no campo da criminalidade, seja campo da sexualidade para ficarmos nas intervenções mais conhecidas do filósofo.

A parresia como um discurso verdadeiro, como face a face, como autenticação entre o que se diz e o que se pratica continua sendo um conceito muito atual e conclama cada vez mais uma coragem pontual de se levantar e de se insurgir contra as ações que tentam impingir condições indignas de existência, principalmente, quando tais ações vem daqueles que ocupam cargos políticos.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As reflexões sobre a escrita, sobre a narrativa, sobre o acontecimento bem como o cuidado com o discurso materializado numa fala franca a partir da experiência escriturária de Kafka num primeiro momento e a de Foucault em seguida afinal de contas cumprem a quais propósitos? Que ressonâncias atuais podemos vislumbrar a partir desse percurso analítico?

O percurso analítico apresentado nesse artigo, traçou uma discussão interdisciplinar entre a história, a literatura e a crítica literária problematizando a questão da escrita e da fala em Michel Foucault e de suas implicações na ampliação do conceito de acontecimento e narrativa na historiografia atual.

Ressaltou-se também o papel do discurso político articulados em atos de fala, de um cuidado compromissado com o discurso exposto no presente artigo a partir do conceito de “parresia” desenvolvido pelo filósofo francês Michel Foucault em seus últimos cursos ministrados entre os anos de 1983 e 1984 no Collège de France intitulados respectivamente “O governo de Si e dos Outros” e “A Coragem da Verdade”.



Entre a escrita e a preocupação com discurso estabelecemos uma transversal do pensamento e da ação intelectual com a ideia de um “diagnóstico da atualidade” que ressoa uma problemática kantiana sintetizada na seguinte questão: “o que estamos ajudando a fazer de nós mesmos?” (FOUCAULT, 2008). Ponto crucial em que situa os profissionais da educação pública e demais intelectuais no próprio campo de embate de forças e demandas da existências de pessoas e saberes silenciados.

Creio que como historiador e professor de história essas dimensões da escrita e da fala estão constantemente articuladas a nossa atividade docente, por um lado, busca-se levar aos alunos o conhecimento de outras narrativas históricas e outros personagens históricos que simplesmente foram negligenciados da história como: os indígenas, os negros, as mulheres etc. e por outro lado, desenvolver pesquisas atentas a tais demandas.

Essas novas temáticas e esses novos personagens só foram possíveis graças a ampliação da noção de acontecimento, por um lado e por outro por meio das lutas atuais que os movimentos negros, das mulheres, dos indígenas etc. impuseram em suas demandas de existência.

Por fim a necessidade de se captar essas demandas está relacionada a uma sensibilidade e uma percepção que singulariza na escrita ou na tomada pública da palavra (numa palestra ou aula) o compromisso de espreitar as formas de assujeitamento e de agressão humana expostas as condições indignas de existência.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BLANCHOT, M. **O espaço literário**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CARDOSO JÚNIOR, H. R. **Enredos de Clio**: pensar e escrever a história com Paul Veyne. São Paulo: Editora UNESP, 2003.



CARVALHO, J. M. Foucault e a Arte da Escrita. In: FOUCAULT, M. **O Belo Perigo**. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CERTEAU, M. **A Escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CERTEAU, M. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

COURTINE, J. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Trad. Francisco Morás. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

DELEUZE, G. A literatura e a vida. In: FOUCAULT, M. **Crítica e Clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

DOSSE, F. **Renascimento do Acontecimento: um desafio para o historiador entre Esfinge e Fênix**. Trad. Constância Morel. São Paulo: Unesp, 2013.

FARGE, A. **Lugares para a história**. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 9ª ed. São Paulo: Loyola, 2003.

FOUCAULT, M. **A Coragem da Verdade: Curso no Collège de France (1983-1984)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **O Belo Perigo**. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FOUCAULT, M. **O Governo de Si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. O que são as Luzes? In: FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.



GROS, F. A parrhesia em Foucault (1982-1984). In: GROS, F. (Org.). **Foucault: A Coragem da Verdade**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

KAFKA, F. Um artista da fome. In: **Essencial Franz Kafka**. Seleção, introdução e tradução de Modesto Carone. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2011.

MELVILLE, H. **Bartebly, o escriturário**: uma história de Wall Street. Trad. Cássia Zanon. Porto Alegre: L&PM, 2008.

RANCIÈRE, J. **Políticas da Escrita**. Trad, Raquel Ramalhete, Laís Eleonora Vilanova, Lígia Vassalo e Eloisa Araújo Ribeiro. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

VEYNE, P. **Como se escreve a história/ Foucault revoluciona a história**. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.